

TEXTO DE

DIREÇÃO: RAFAEL BUENO

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: LETICIA SANTOS

# INCIDENTE EM AMARELES

BASEADO NO ROMANCE DE ERICO VERISSIMO

## PERSONAGENS:

Quitéria Campolargo: **Mayra**

Sapateiro Barcelona: **Lucas**

Maestrina Olinda: **Luli**

Advogada Cícera: **Manu**

Joana Paz: **Luanny**

Pudim de Cachaça: **Medina**

Prostituta Erotildes: **Sofia**

Coronel Vacariano: **Kieffer**

Coveiro Emiliano: **Lipe**

Prefeito Vivaldino: **Apollo**

Delegado Pigarço: **Dales**

Padre Pedro: **Romeo**

Lanja Vacariano: **Maria Antônia**

Amiga Rosinha: **Marilu**

Amigo Alambique: **Thiago**

Filha Cecilinha: **Samara**

Filha Lavinha: **Alanis**

Filho Assunzinho: **Dyonata**

Madre Superiora Rogéria: **Dayane**

Celina Paz: **Betina**

Grevistas

Quitéria Campolargo desperta em seu caixão. No entanto, percebe que está fora do cemitério de Antares, junto a outros seis cadáveres, todos mortos-vivos, incapazes de serem sepultados devido a uma greve geral na cidade a qual até os coveiros aderiram. Determinados a reivindicar o direito ao enterro, denunciam vilanias e revelam a podridão moral que permeia Antares.

## **1º ATO**

CENA 1 - GREVISTAS

CENA 2 - OS MORTOS

CENA 3 - FAMÍLIA CAMPOLARGO

CENA 4 - DELEGACIA

CENA 5 - GABINETE

CENA 6 - UMA CAMA AMIGA

CENA 7 - RÁDIO

CENA 8 - PAZ

CENA 9 - PUDIM COM CACHAÇA

CENA 10 - APASSIONATA DE BEETHOVEN

CENA 11 - AUTORIDADES

## **ENTREATO**

## **2º ATO**

CENA 12 - DEBATE

CENA 13 - FINAL

## 1º ATO

### CENA 1 – GREVISTAS

A peça se inicia com a plateia aguardando ao lado de fora da casa da cultura. Após isso, aparecem pessoas cantando e carregando o caixão com Quitéria dentro, esse caixão passará por meio da plateia, abrindo as portas da casa da cultura. Ao entrar no pátio, teremos personagens já aguardando (grevistas), com 6 caixões posicionados um ao lado do outro. 2 cenas serão com a plateia nos corredores, de pé ou sentados em cadeiras posicionadas. Após a plateia ser posicionada, o caixão será colocado à lateral dos outros, é dado início a marcha e entra o Prefeito com os seus capachos, o Coronel ainda não entra.

Coveiro - Alto lá minha gente, que a conversa vai ser demorada.

Prefeito - Com ordem de quem?

Coveiro - Pra começo de conversa, a gente não precisa de permissão de ninguém, pra ficar na frente do cemitério.

Prefeito - O que é que vocês querem?

Coveiro - Os coveiros tão de greve. Esse cadáver não pode ser enterrado. **(Cochichos)**

Prefeito - Mas o que está acontecendo aqui?

Coveiro - O sr. Não entendeu ainda seu Prefeito? Os coveiros tão de greve e nós estamos com eles até o fim.

**Entra o Coronel gritando, parte pra cima do coveiro, e em uma música tensa, o coveiro derruba o coronel no chão.**

Coronel - AAAAA! Acabem de vez com essa merda.

Coveiro - Guarda essa porcaria seu velho bobo! De que adianta a autoridade que tem? Agora vamos conversar feito gente grande.

Delegado - **(Delegado pega sua arma também, mas é impedido)** Isso aí é um absurdo! Prefeito! Dê uma ordem, eu mando meus homens acabar com essa greve a bala.

Coveiro - Essa eu pago pra ver! Nosso povo é unido, e tamo armado.

**Todo mundo, de ambos os lados pegam suas armas.**

Coronel - Balas! Balas, eu quero balas pro meu revólver! Eu vou matar...

Lanja Vacariano - Tibério, Tibé... o Coronel tá passando mal.

Coveiro - Que passando mal o que! Isso tudo é cena dele.

Coronel - Nunca! Nunca ninguém me encostou...

Lanja Vacariano - Calma Tibério. Calma.

Coronel - Encostou a mão na minha cara.

Padre - Coronel, o povo quer conversar e resolver sobre essa greve.

Delegado - O povo não tem que falar nada.

Padre - Coronel! O sr. precisa ouvir o povo.

Coronel - Eu quero mais é que esse povo morra de fome!

**Os grevistas riem.**

Prefeito - Nós decidimos sob protesto, levar o caixão de Dona Quitéria pra cidade, e esperar o desenrolar dos fatos.

Coveiro - Não! O caixão vai ficar aqui, junto com os outros 6 que chegaram. Dona Quitéria vai ser nossa refém! **(Cochichos)**

Madre - Por favor gente, passaram dos limites.

Prefeito - Geminiano! Você me garante, sob palavra de honra, que esse caixão não será violado durante a noite?

Coveiro - Fica tranquilo! Nós somos grevistas, não somos vampiros. **(Riem)**

**Começa a tocar novamente a marcha, e todos os vivos saem de cena, ficando apenas a plateia e os caixões. Então vai mudando a iluminação, e aparece um homem com capuz de bandido, para abrir o caixão de Quitéria, com uma música tensa de fundo. Após ele abrir o caixão e não encontrar as joias, acabará ficando surpreso, até que Quitéria se levantará, fazendo com que o homem fuja de medo.**

## **CENA 2 - OS MORTOS**

Bandido - Ué! Cadê o anel de brilhante? **(Foge de medo)**

**Dona Quitéria sairá do caixão, irá até o caixão do lado e baterá na tampa como quem bate em uma porta. E o morto, de dentro baterá também (toc-toc), então o caixão será aberto e o morto, ou melhor, morta se levantará.**

Cícera - Dona Quitéria Campolargo? Mas que honra. Que prazer.

Quitéria - Quem é a senhora?

Cícera - Cícera Branco, dona Quitéria!

Quitéria - Mas a sua cara está horrível.

Cícera - Pelo que eu saiba a morte nunca melhorou a cara de ninguém.

Quitéria - Meu Deus! Quando foi que a senhora morreu?

Cícera - Ontem! Se não me falha a memória!

Quitéria - Será que estamos mesmo mortas?

Cícera - Coloque a mão no coração, veja se ele bate.

Quitéria - Não, não bate.

Cícera - E eu não respiro, portanto.

Quitéria - O que estamos fazendo aqui mortas, insepultas e abandonadas?

Cícera - Eu estou tão intrigada quanto a senhora.

**Quitéria, com a mão no peito, percebe que está sem suas joias.**

Quitéria - Meu Deus! Fui roubada. Eu fui roubada, eu fui roubada. Minhas joias, aí as minhas joias. Onde estão?

Cícera - Desculpe-me, Dona Quitéria, mas asseguro-lhe que a senhora foi posta no seu esquife sem nenhuma das suas joias, nem mesmo a aliança de casamento. O seu anel de brilhante!

Quitéria - Como é que a senhora sabe disso?

Cícera - Simples! Fui ao seu velório prestar-lhe uma homenagem. Por sinal levei-lhe um ramo de gladiolos vermelhos e amarelos, que eu mesma depusitei junto de seu corpo. Fiquei algum tempo ao seu lado, seu amigo Tibério Vacariano é testemunha desse fato. Mas repito, sob palavra de honra, que não vi no seu corpo nenhuma joia.

Quitéria - Mas eu deixei com meus filhos disposições escritas muito claras. Queria trazer comigo para a sepultura todas as joias que herdei de meus antepassados. Esse era meu testamento!

Cícera - As suas disposições não foram então cumpridas.

Quitéria - Tratantes, gananciosos.

Cícera - Mas dona Quitéria, eu não os julgo. A cobiça humana não tem limites.

Quitéria - Bom, quero lhe agradecer por ter ido ao meu velório.

Cícera - Não me agradeça. Já que estamos mortas e não somos mais personagens da comédia humana, posso ser absolutamente franca sobre a homenagem que lhe prestei. Eu queria agradar a sua família, pois estava de olho no inventário de seus bens.

Quitéria - Oh! Bom, já que estamos no jogo da verdade... nunca simpatizei com a senhora.

Cícera - Ora, por quê?

Quitéria - Porque sempre soube que a senhora é uma advogada chicanista e desonesta.

Cícera - Ninguém jamais me acusou de incompetente.

Quitéria - Competência e honestidade são situações diferentes.

Cícera - Dona Quitéria.

Quitéria - Hã?

Cícera - Com o devido respeito à sua pessoa, conheço tão bem a história da sua família, que poderia escrever sobre os Campolargo um livro de arrepiar os cabelos. Seu tio e seu sogro Benjamim não eram santos. Aí nesse cemitério estão enterradas umas oito, ou dez, ou mais pessoas que sua família mandou matar ou matou com suas próprias mãos. A senhora já matou alguém dona Quitéria?

Quitéria - Ora como é piadista!

Cícera - Quanto a roubalheiras, peculatos e abigeatos, os Campolargo só perde para os Vacariano. Então sobre honestidade dona Quitéria, não é nosso lugar de fala.

Quitéria - Basta, basta! Se não estamos sepultadas, enterremos pelo menos o passado de nossas famílias.

Cícera - Certamente!

Quitéria - Ah! E quem são esses outros?

Cícera - Não faço a menor ideia! Mas, garanto que são pessoas sem a menor importância.

Quitéria - E por que não os tiramos pra fora desses caixões? Ou melhor, desses caixotes.

**Quitéria se refere a caixotes, pois apenas o seu caixão e o de Cícera, são caixões finos, os outros são apenas caixões feitos de qualquer maneira; então elas começam abrindo os caixões. No primeiro caixão, toca uma música de Barcelona.**

Quitéria - Oh Meu Deus! Ora, ora, ora... Se não é o miserável do anarquista! Quer dizer que o sr. resolveu me acompanhar pra me atormentar a paciência até no outro mundo?

Barcelona - Alto lá mia senhora, isso no foi ideia mia.

Cícera - Bom! Vamos ao próximo defunto!

Quitéria - Não! Pelo amor de Deus, não diga defunto! Diga pessoa, pessoa!

Barcelona - Isso mesmo! Pissoa! Pissoa!

**Abrem o próximo caixão.**

Quitéria - Maestrina! A pianista Olinda de Oliveiros.

Cícera - Ela mesmo. Suicidou-se, abrindo as veias do pulso.

Quitéria - Então isto é coisa que uma cristã faça? O suicídio é o maior pecado contra as leis de Deus.

**Maestrina coloca suas mãos enfaixadas sobre seu rosto.**

Maestrina - Foi a hora do diabo dona Quitéria, eu estava em casa sozinha e desesperada. Tentei tocar appassionata de Beethoven, e falhei, falhei, como eu havia falhado todos esses anos.

Barcelona - Falhar, é humano.

**Partem para o próximo caixão.**

Cícera - Essa é Joana Paz! Uma jovem idealista e inteligente. Levou muito a sério seu sobrenome, e tornou-se uma pacifista ardorosa que lhe trouxe sérias complicações. **(Preocupada)**

Barcelona - Moriu de que?

Cícera - Embolia pulmonar, e...

Joana - Mentira! Fui torturada e assassinada na delegacia municipal, pelos carrascos do Delegado Inocêncio Pigarço, e a senhora sabe muito bem disso, Doutora Cícera.

Quitéria - Eu não estou entendendo o que ela está falando Doutora Cícera!

Joana - Estou falando, que está imunda, Advogada do diabo, em companhia dos seus amigos da polícia, acobertaram minha morte.

Cícera - Não pense Joana, que eu tenha ficado insensível, ao que fizeram com você!

Joana - Você sabia muito bem que eu não havia cometido crime nenhum.



Cícera - Não, não, não, também espera lá! Eu também não tenho o dom da ubiquidade, nem da onisciência. Houve uma denúncia, o Delegado acusava você, de ser a chefe aqui em Antares, de um bando de guerrilheiros. Queria saber o nome dos outros...

Joana - Mas como eu iria confessar uma coisa que eu não sabia? Eu nunca tive nada a ver com esse grupo, se é que ele existe.

Cícera - Você poderia ter evitado a morte. A tortura... O, o abuso. Era só denunciar alguém.

Joana - Mas eu não sabia de nada. E se soubesse, eu não denunciaria.

Cícera - Pior para o seu esposo, e para sua irmã!

Joana - Não coloque minha irmã nesse balaio.

Cícera - **Leva um tapa na cara)** Ué, não senti nada.

Joana - Você me paga!

Quitéria - Vamos parar!

Cícera - Os mortos não devem nada a ninguém.

Quitéria - Tem toda a razão. Sinto muito por tudo o que você teve que passar, minha querida. Mas neste momento, por pior que ele seja, devemos nos manter calmos.

**Parte para o próximo caixão, uma música suave surge. Dessa vez, o morto não se levanta.**

Barcelona - No! Ah! No, no! Esse é o nosso maior bebedor da cidade. Pudim de catchaça.

Pudim - Uh! **(Espreguiçando)** boa noite donas, é um imenso prazer.

**Vão para o próximo e último caixão.**

Quitéria - Ui! Credo! Cruz credo ave Maria. Que isso? Cristo que é isso?

Erotildes - Olá! Meu nome é Erotildes.

Cícera - Há 20 anos atrás, essa mulher foi uma das prostitutas mais famosas de Antares. Com o passar do tempo, ao olhar dos homens, sua carne foi perdendo a qualidade, e o valor. Ultimamente andava vendendo o corpo a qualquer preço!

Barcelona - Do que foi que tu moreste mulher?

Erotildes - Tuberculose!

Quitéria - Meu Deus!

Pudim - **(Levanta-se)** Doutora Cícera! Será que eu consigo me desculpar com ela? Olha, eu preciso ver minha Natalina, porque senão, eu não morro em paz. Minha Natalina, minha esposa.

Joana - Não tenha pressa Pudim! Você terá a eternidade inteira pra resolver o seu problema com a sua esposa.

Cícera - Sem mais delongas. Eu gostaria de apresentar, uma das mais ilustres, senão, a mais ilustre dama da sociedade de Antares. Dona Quitéria Campolargo.

Erotildes - A senhora não imagina a honra que é pra mim, poder morrer e estar aqui do seu lado.

Quitéria - Não fale com essa boca em cima da minha cara!

Barcelona - No me digas que a senhora tem medo dos bacilos da tuberculose?

Cícera - Entenda Barcelona, mesmo depois de mortos, ainda existe aqui, uma diferença muito grande de classes sociais.

Barcelona - Ah! **(Resmunga)**

Joana - Não deveria de existir, não é mesmo Doutora Cícera?

Cícera - Concordo! Mas ao mesmo tempo não sou eu a pessoa responsável por impor esses costumes na sociedade!

Joana - Mas você é uma das praticantes!

Erotildes - Doutora Cícera, nós estamos no céu, no inferno ou no umbral?

Cícera - Estamos em Antares! Na frente do cemitério, insepultos, e não me perguntem o porquê! Porque, eu não sei.

Pudim - **(Cantando)** Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar, por isso mesmo a minha gente lá do morro não parou de rezar... paragudindurendenden...

Barcelona - Meu caro Pudim! Sinta-se decepcionado! Mas a verdade é que eu sei exatamente o que aconteceu! Estamos aqui por conta da greve! Io mesmo participei da assembleia e dei a sugeston, que os coveiros aderissem à greve. E que não permitisse nenhum sepultamento, enquanto os operários não tivessem ganho de causa.

Quitéria - E o senhor não tem vergonha de contar aqui uma coisa dessa?

Barcelona - Só um homem com sangue espanhol, teria tido uma ideia fabulossa como essa!

Quitéria - Pois o feitiço virou contra o feiticeiro! Bem-feito.

Barcelona - Dona Quitéria, me diga uma coisa. Agora que a senhora está morta, a senhora viu Deus, como os padres te ensinaram?

Quitéria - Ignorante! Estupido, ignorante! Meu Deus! Como é que eu vou fazer um renegado, um subversivo, um corta-cabeças, entender alguma coisa da vida espiritual?

Barcelona - Está bien dona Quitéria, está bien! No vou mais discutir com a senhora. Por que agora estamos todos no mesmo barco no?

Quitéria - Mas graças a Deus! Em camarotes separados!

Joana - Dessa vez, eu quem irá interromper dona Quitéria! Todos nós, todos nós merecemos um sepultamento digno, como é comum, e hábito, e dever de toda sociedade cristã.

Pudim - Falou pouco, mas falou bem!

Quitéria - Do que nós precisamos de agora, é de um plano!

Maestrina - Eu sugiro que nos enterremos, uns aos outros.

Quitéria - Impossível! No fim sempre sobraria um. E eu não acho, eu não acho que isso seja democrático.

Barcelona - Mas ora, ora, ora... Quem diria que a morte faria, com que Dona Quitéria Campolargo, falasse em democracia.

Cícera - O momento não é para ironias, senhor Barcelona. Estive pensando, e a ideia é a seguinte. Vamos voltar para a cidade, e exigir das autoridades competentes, que nos enterrem.

Quitéria - Acho, que se Deus nos ressuscitou, é porque ele quer nos dar uma segunda chance!

Erotildes - Para que cada um de nós faça, alguma coisa que deixou de fazer?

Quitéria - Exatamente!

Barcelona - A veliota tem razão, hã!

Joana - Um acerto de contas?

Erotides - Não! Pelo que podemos ver, você sempre foi uma pacifista. Não encha seu coração de ódio, enquanto pode levar palavras de conforto para aqueles que ficaram!

Maestrina - E quanto aos que não restaram nada?

Pudim - Nada mesmo?

Maestrina - Nada!

Pudim - Talvez a segunda chance seja para você entender o que te levou a isso!

Quitéria - Bom! Já que todos estão de acordo. O melhor que podemos fazer, é caminhar até a cidade.

**As portas do auditório da casa da cultura irão se abrir. Nisso, os mortos devem guiar a plateia, pra que ela entre no auditório. Após a plateia entrar, anjos organizarão cadeiras para a plateia, posicionada no centro do pátio da casa da cultura, para que depois saiam novamente. Quando a plateia entrar no auditório, irão ver uma certa quantia de lixo acumulado, e placas escritas "greve geral" "garis em greve", a família Campolargo estará posicionada no palco, sem movimentar-se, com todas as joias em cima da mesa e nas mãos. E a todo o momento, de forma sutil, jogam lixo pelo local.**

### **CENA 03 - FAMÍLIA CAMPOLARGO**

Cecília - Parece incrível que nós estamos aqui discutindo a horas, e não se chegou a conclusão nenhuma!

Assunzinho - Eu sempre achei, que a gente deveria esperar a abertura do testamento. **(Bafafá)**

Lavinha - Ta maluco Assunzinho? Enlouqueceu? A gente não tem a menor ideia do tipo de testamento que velha deixou.

Assunzinho - Mas não custa tentar!

Cecília - Você sabe que ela não morria de amores por nós!

Lavinha - Uhum!

Cecília - E que não se passava na cabeça dela deixar alguma herança para seus filhos.

Lavinha - Se não tivéssemos tido a ideia de pegar as joias antes de fecharem o caixão, estaríamos de bolsos vazios.

Assunzinho - Antes bolso vazio, do que consciência cheia de arrependimentos.

Cecília - Não me venha com essa.

Lavinha - Todo mundo aqui sabe que você é o tem a mão mais lisa de todos.

Assunzinho - Eu?

Cecília - O maior golpista que conheço!

Assunzinho - Dessa maneira me ofendem!

Lavinha - Ofensa é você insinuar que nós somos os interesseiros aqui!

Assunzinho - Quer saber? Eu to farto!

Lavinha - E eu to cheia.

Cecilinha - E eu também. **(Bafafá)**

Assunzinho - A gente ta a noite inteira aqui em claro, ouvindo bobagens e mais bobagens, sem chegar a uma decisão.

Cecilinha - Assunzinho tem razão, vamos parar de ficar jogando conversa fora gente, o problema no momento são as joias, elas não vão mesmo aparecer no testamento! Porque todo mundo imagina que a mamãe as levou consigo pra sepultura!

Lavinha - Claro! Então podemos ter as joias sem a preocupação de perdê-las.

Assunzinho - O difícil vai ser chegar em um consenso.

Cecilinha - Se tivermos consciência e humildade, tudo vai se resolver. **(Silêncio) (Bafafá de novo)**

Lavinha - O colar de pérolas é meu.

Cecilinha - Os brincos de esmeralda ficam melhores em mim.

Lavinha - Mentira, fica bem melhor em mim.

Assunzinho - Já tinha sido decidido que os brincos seriam meu. **(Encaram Assunzinho)**

Lavinha - Um momento! Eu não to vendo aqui! Onde está o anel de brilhante?

**Nisso, Quitéria vai passando pelo fundo do palco bem lentamente.**

Cecilinha - Sua sem vergonha, pegou escondido e quer fazer a desentendida!

Lavinha - Como que é? Ta me chamando de ladra?

Cecilinha - Não preciso nem falar, a carapuça serviu. **(Bafafá)**

**Assunzinho vai para debaixo da mesa e aparece na frente do palco, tirando o anel do bolso da camisa.**

Assunzinho - O anel ta aqui!

**Ele se levanta enquanto elas permanecem em silêncio. Nesse instante as irmãs grudam no pescoço do irmão e começam a se balançar para os lados, e começa novamente o bafafá.**

Cecilinha - Canalha!

Lavinha - Traíçoeiro.

Cecilinha - Fedido!

Lavinha - Fedido!

**Os três** - Fedido?

Cecilinha - É! Não sentem esse cheiro forte de enxofre?

Assunzinho - Mas não sou eu!

Lavinha - É, parece cravos da índia! E vem daqui ó.

**Quando se viram para trás, dão de cara com Quitéria. Seguram o grito, viram novamente para a plateia e gritam.**

Quitéria - Não se incomodem meus guris. Eu vim apenas buscar as minhas joias.

Lavinha - A ma... mamãe foi enterrada viva.

Cecilinha - Socorro! **(Grita e desmaia)**

Assunzinho - Meu deus do céu!

Lavinha - Acorda Cecilia!

Quitéria - Sempre soube que vocês todos eram uns medíocres! Mas, jamais pude imaginar.

**Os 3** - O que?

Quitéria - Que vocês fossem tão mesquinhos!

Cecilinha - Mamãe?

Quitéria - Tão miseráveis!

Cecilinha - Mamãe o que você vai fazer com as joias?

Quitéria - O que eu já deveria ter feito antes!

Lavinha - Ô mãezinha não se precipite.

Assunzinho - Você está num estado alterado mamãe.

Quitéria - Alterado e irado, graças a Deus!

Lavinha - Mamãe, seria um desperdício sepultar nesse caixão algumas centenas de milhões de cruzeiros.

Quitéria - Mas não basta o que lhes deixo em terras, casas, títulos, dinheiro, hein? Querem minhas jóias?

**Quitéria junta as joias da mesa. E vai até a coxia jogá-las na privada. Som de descarga de privada. Quitéria volta com a caixa vazia.**

**Todos** - Mamãe, que isso mamãe, ô mãezinha não faz isso...

Quitéria - Pronto!

Assunzinho - O que você fez?

Quitéria - A divisão foi feita!

Lavinha - O que?

Quitéria - O Rio Uruguai herdou as minhas joias.

**Todos** - Nãooo!

**Após isso, Quitéria fecha a caixa de joias fazendo um barulho forte. Começa uma música e vai mudando a cena. Após isso, inicia-se com o delegado Inocêncio Pigarço fumando um charuto e fazendo anotações, e Barcelona entrando pela plateia. Com o susto, o Delegado irá disparar tiros contra Barcelona.**

#### **CENA 4 - DELEGACIA**

Delegado - Barcelona? Você morreu...

Barcelona - Pois é meu querido! Estoy morto, mas no estoy podre como você.

Delegado - Você foi enterrado vivo Barcelona?

Barcelona - No, no! No, no! Soy um defunto, legitimo. Portanto estoy livre, da sociedade capitalista e seus lacaios. Iguale a você, bandido, assassino, cretino.

Delegado - Você não me intimida, considere-se preso!

Barcelona - **(Gargalhada)**

Delegado - Como é possível? Eu te vi morto, dentro do caixão.

Barcelona - Já ouviu falar em milagres? É o que aconteceu aqui. O carma chegou para você.

Delegado - E os outros mortos?

Barcelona - Todos vivinhos da Silva.

Delegado - Tem que haver uma explicação. Ou só pode ser o apocalipse.

Barcelona - É bom que tu comece a rezar enton! Assassino.

Delegado - Assassino?

Barcelona - Isso mesmo!

Delegado - Eu não sou assassino!

Barcelona - Mentiroso! Joana Paz voltou a vida pra te cobrar as pendências.

Delegado - Joana Paz? O que sabe sobre isso seu comunista de merda!

Barcelona - Comunista non, soy Barcelona, único anarco sindicalista de Antares.

Delegado - O que queres de mim Barcelona?

Barcelona - Estragar teu dia, infernizar tua consciência. Bandido, torturado, assassino. Vás prestar conta de tudo isso ao povo.

Delegado - Não se aproxime que eu atiro.

Barcelona - Oh! Atira, oh, atiras. No vês que no pode matar um morto.

**Delegado começa a atirar várias vezes. Barcelona vai subindo no palco, fazendo com que o Delegado fuja de medo.**

Barcelona - Atira, mais! Atira vai, mais, mais. Sabe, valeu a pena morer, só pra ver esse espetáculo. **(Gargalhada)**

**Barcelona sai de cena. Em sequência temos os filhos de Quitéria fugindo, passando pelo palco, com malas em mãos, descem as escadas correndo e saem pela porta da plateia. Após isso, entram Coronel, Prefeito, Lanja, Delegado e Madre.**

## **CENA 5 - GABINETE**

Coronel - Foi só a Quita morrer, que essas bestas já caíram na esbórnia.

Lanja - Exatamente sobre isso que viemos falar Tibérinho.

Coronel - Vocês perderam o juízo? Onde é que já se viu uma idiotice dessas?

Prefeito - Mas foi o que eu disse Coronel. Eles afirmam...

Delegado - Eu vi com meus próprios olhos.



Madre - Eu também vi, os cavaleiros do apocalipse.

Coronel - Mas era só o que me faltava, não bastasse essa greve insana, me aparecem esses paranoicos delirantes, me dizendo terem visto o que não viram. **(Bafafá)**

Delegado - Mas é verdade Coronel, acredite.

Madre - É a mais absoluta verdade Coronel.

Lanja - Se você não acredita Tibérinho, vá até a casa dos Campolargo. Eu ouvi dizer, que sua amiga dona Quitéria, está lá sentada na cadeira de balanço, como costumava fazer quando estava viva Tibérinho!

Coronel - "Redicolos!" Eu não acredito nessa palhaçada de sobrenatural. Olha, eu tenho mais o que fazer, vocês querem fazer o favor de se retirarem do meu gabinete.

Madre - Se não acredita nos outros, acredite em mim, que não tenho o costume de mentir!

Delegado - Por acaso insinua que costumamos mentir Madre Rogéria?

Madre - Não leve a mal Sr. Delegado, mas vocês políticos e chefes de cargos importantes, estão bem mais habituados do que eu que sempre estou rodeada pela verdade na casa do senhor.

Delegado - Papo furado!

Coronel - Todo mundo sabe que você só se interessa pela "fé" do povo!

**Cícera entra e fica atrás do Coronel. E todos reagem.**

Delegado - Uh!

Madre - Uh!

Lanja - Uh!

Prefeito - Uh!

Cícera - Então coronel, acredita agora?

Coronel - ãh! Eh...

Cícera - Com licença, desculpe entrar assim sem avisar, mas preciso fazer um comunicado muito importante. Que é do interesse de todos.

Coronel - Você... está morta?

Cícera - Não nego! E daí?

Coronel - Como se explica?

Cícera - Não se explica! **(Coronel olha os outros)**

Coronel - E o que é que você quer?

Cícera - Eu, e mais 6 defuntos, que aqui represento como Advogada, queremos ser sepultados imediatamente.

Prefeito - **(Gaguejando)** Tu sabes que isto é impossível né? Porque... talvez vocês não saibam, mas vocês estão insepultos por causa dos grevistas.

Cícera - Nós sabemos. Mas não estamos diretamente interessados nessa greve, descubram um meio de nos enterrar decentemente, e sem tardança. Dou um prazo até meio dia, quando meus clientes e eu, estaremos na praça a espera de despacho favorável para esse requerimento verbal, que acabo de apresentar.

Coronel - Como assim? Nunca tive medo dos vivos, quanto mais medo dos mortos.

Cícera - O senhor é que sabe Coronel, mas se ficarmos assim, a solta, assombrando os habitantes de nossa amada Antares, o resultado será desastroso. Para todos, principalmente para o senhor, Coronel Tibério Vacariano.

Delegado - Coronel, o que faremos agora? Os mortos vão invadir Antares.

Lanja - O sr. que deveria saber, é o sr. quem é o Delegado de Antares.

Delegado - Mas quem manda aqui é ele!

Prefeito - Quem manda aqui sou eu!

**Madre, Lanja e Delegado - (Alguns segundos de silêncio. Gargalhada coletiva)**

Prefeito - Não entendi o motivo da piada!

Delegado - Ora Vivaldino! Você sabe que até a Madre Rogéria tem mais controle sobre o povo de Antares, do que o sr.

Lanja - Quem comanda Antares é meu Tibérinho. Mas acho bonito da sua parte querer assumir responsabilidades nesse momento tão difícil. Afinal, Tibérinho era amigo próximo de Quitéria!

Coronel - Calem a boca Redicolos! Saiam todos!

**Cícera retira-se, todos ficam angustiados e vai saindo aos poucos enquanto toca uma música suave, Coronel fica sozinho no palco, respira fundo. Blackout.**

## CENA 6 - UMA CAMA AMIGA

A música suave continua, e quando as luzes acendem, já temos uma cama no palco, com uma pessoa deitada dormindo. Erotildes entra em cena, fica olhando a amiga dormindo, e aos poucos a amiga vai acordando, vai sentindo um cheiro, e ao ver Erotildes, se assusta.

Erotildes - Rosinha.

Rosinha - Ô Tilde! Minha amiga...

Erotildes - Como vais?

Rosinha - Mais ou menos... e tu?

Erotildes - Morta!

Rosinha - Eu sei. Ô minha amiga... O que fizeram com tu?

**Erotildes aproxima-se da cama, Rosinha levanta-se e corre colocar um chale nos ombros, pois estava de camisola.**

Rosinha - **(Gaguejando)** Ó! Tu, tu me desculpas ta... De eu ter ficado com teu vestido, com teu sapato.

Erotildes - Não! Que bobagem. Defunto não precisa mais dessas coisas. Você fez bem em pegar minha amiga, você fará mais uso do que eu, o que era meu, hoje é seu, e está em boas mãos.

Rosinha - E como vai tua tosse?

Erotildes - E, o menina, onde já seu viu morto tossir?

Rosinha - Então também não sentes mais pontadas no pulmão?

Erotildes - Não! Não sinto mais nada.

**Erotildes pega um espelho debaixo do seu colchão, e se olha.**

Erotildes - Nossa! **(Rosinha ri)**

Rosinha - O que foi? Deve ta meio assustado, coitado! **(Ambas sorriem juntas)**

Erotildes - É! É... eu estou medonha.

Rosinha - A morte não te ajudou em nada, verdade. Mas o jeito que tu morreu minha amiga. Eu não pude nem te dar um abraço, nem me avisaram, nem sabiam teu nome quando eu fui te procurar no hospital. **(Rosinha percebe Erotildes encarando o espelho)**  
Não custa embelezar o material. Vou te dar um trato.

**Pega as coisas pra maquiar a Erotildes.**

Erotildes - Obrigada.

Rosinha - Ai Tilde. Como que foi?

Erotildes - O que?

Rosinha - Morrer!

Erotildes - Ah! Foi silencioso.

Rosinha - Sério? Ai Tilde, eu não aguento mais essa vida. Eu não aguento mais ter que depender de uns trocados, até fome eu tenho passado. Tenho que escolher qual refeição do dia eu terei, se eu almoço, eu não janto, se eu janto, eu não almoço. Já pensei até em tomar veneno. Mas eu não tive coragem.

Erotildes - Não! É pecado a gente se suicidar. Vai pro inferno.

Rosinha - Mas o inferno não é aqui mesmo?

Erotildes - Não! Aqui é Antares, é diferente, mas vai melhorar, você só tem que ter paciência minha amiga, paciência. A vida, ela vai ser sempre assim pra nós.

Rosinha - Não é o que eu quero pra minha vida! Eu não desejo isso nem pra pior pessoa que existe no mundo. Eu, eu quero ir contigo Tilde.

Erotildes - Ô Rosinha, minha amiga. Ainda não é tua hora. Mulheres como nós, que sofrem desde o parto, merecem mais, merecem ser felizes, nem que seja após a morte.

Rosinha - E você tá feliz?

Erotildes - Eu to alegre, tranquila. **(Abraçam)**.

Rosinha - Tu estás linda!

Erotildes - Não chore Rosinha, desse jeito eu fico com o coração em pedaços, minha amiga. É, eu tenho um compromisso, preciso ir.

Rosinha - Compromisso?

Erotildes - É! Lá, lá na praça, nós os mortos vamos ficar lá aguardando o veredito sobre o sepultamento. Até logo Rosinha! Deus te ajude.

Rosinha - Erotildes?

Erotildes - Hum?

Rosinha - Tu já viste Deus?

Erotildes - Ainda não! De certo só vou vê-lo quando me enterrarem como cristã.

Rosinha - Posso te pedir um favor?

Erotildes - E qual é?

Rosinha - Pede a Deus que me dê uma boa morte, já que ele não me deu uma boa vida!

**Erotildes vai saindo de cena, Rosinha fica observando enquanto chora, termina a cena com Rosinha triste olhando para a plateia, música suave para retirada da cama. Blackout.**

## **CENA 7 - RÁDIO**

Prefeito - Alô, alô! Câmbio!

Radialista - Alô! É Porto Alegre na escuta, câmbio.

Prefeito - Aqui fala, Vivaldino Brasão, Prefeito de Antares, e eu quero comunicar ao senhor governador, e a imprensa da capital, que estamos numa emergência, câmbio.

Radialista - Porto Alegre na escuta, pode falar, câmbio!

Prefeito - Eu quero comunicar, que nossa cidade foi invadida por um bando de defuntos revoltosos, câmbio.

Radialista - Estamos entendendo mal, queira repetir, câmbio.

Prefeito - Eu estou dizendo, que 7 defuntos levantaram de seus caixões, e ameaçam tomar a praça principal de assalto.

Radialista - Mas que palhaçada é essa seu idiota?

Prefeito - Idiota és tu! Seu... filho da mãe. É tudo verdade! Avisem os jornais, as rádios, as revistas e a televisão, nós estamos precisando de ajuda. Seu flibusteiro, coleóptero, batráquio, alô? Alô, alô, câmbio?

Radialista - Prefeito Vivaldino, aqui fala Demétrio Fontenova, chefe de reportagem do canal 12 da capital, câmbio.

Prefeito - Antares na escuta, câmbio.

Radialista - Recebemos sua mensagem. Aguarde nossa chegada em breve, desligo. Câmbio final.

Prefeito - **(Olhando pra plateia)** Filho da puta.

**Prefeito sai de cena com o rádio.**

## CENA 8 - PAZ

**Madre estará com Padre, e logo em seguida sairá.**

Madre - Depois de ver tudo isso que está acontecendo, com esses mortos voltando a vida, em busca de vingança, essa miséria da carne humana. É que a gente compreende por que Deus destruiu Sodoma e Gomorra.

Padre - Mas porque a senhora passou esse tempo todo atrás de político, pra lá e pra cá, de baixo de sol?

Madre - Não sei! Parecia que eu tinha uma corda me amarrando, me puxando pra isso. Essa greve tem que acabar.

Padre - Me desculpe Madre, mas não! A greve tem que continuar.

Madre - Quanto mais greve, mais mortes.

Padre - Essa greve fará com que nossos governantes entendam as necessidades de nossa Antares. Infelizmente esse evento com os ressuscitados, é algo muito inusitado e inesperado por mim.

Madre - Eu fiquei tão escandalizada com as coisas que vi e ouvi, quantas coisas cruéis estão falando na cidade sobre o Delegado Pigarço, ele é um homem de bem, e estão o acusando de assassinato!

Padre - Madre, nenhum de nós ignora os crimes cometidos pelo Delegado e seus torturadores, fechamos os olhos, a boca, por comodismo, indiferença ou covardia. Enquanto Deus não disser claramente o que sente disso tudo. Nós devíamos em nome de Cristo, lutar contra tipos como o Delegado Pigarço. Que matam em nome da justiça, capitalismo, do comunismo, do fascismo, da família, da pátria e até mesmo em nome de Deus.

Madre - Como está difícil viver, cada vez mais. As vezes meu filho, eu cometo o pecado de ficar alegre, por saber que meus dias na terra estão contados.

Padre - Eu espero não estar pecando, pelo fato de me sentir feliz em estar vivo. Eu gosto da vida, é um desafio permanente, se ela é absurda ou sem sentido, devemos dar-lhe um sentido. Eu acho que a senha, é o amor. Assim como Deus pai nos ensinou.

Madre - Você tem razão. Você tem mais razão do que eu já tive até então.

**Madre sai de cena, Padre começará a escrever uma carta, quando Joana entra em cena, música suave.**

Padre - Antares, 02 de Novembro de 1963. Se esse diário for encontrado por alguém de boa fé, peço atenção para o fato que vou registrar. Rivaldo Paz, esposo de Joana Paz, foi preso nesta última madrugada pela polícia, após o desaparecimento repentino de sua esposa. Assim como fizeram com sua esposa, os policiais não têm motivo algum para um ato tão covarde. Arrancaram Rivaldo de seu repouso, e agora este homem inocente, deve estar sendo barbarizado pelos fascistas do Delegado Inocêncio Pigarço. Sua cunhada, Irmã Celina, irmã de Joana Paz, está escondida sob custódia da Madre Superiora Rogéria.

Joana - Padre. Não está me reconhecendo?

Padre - Joana?

Joana - Está com medo de mim?

Padre - Não, mas...

Joana - Não! Não tente compreender. Mas me escute, pelo amor de seu Deus.

Padre - Claro.

Joana - Pude ouvir o que você falou! Eu estou preocupada, com o destino de meu Rivaldo, então você sabe onde ele está?

Padre - Sim! Está preso!

Joana - E minha irmã?

Padre - Está aqui na Igreja. Eu mesmo a trouxe.

Joana - Então é verdade, ele foi preso? Por minha causa.

Padre - Não exatamente!

Joana - Não precisa me conformar Padre!

Padre - É!

Joana - Torturado?

Padre - Não me deixaram vê-lo!

Joana - Por favor, me diga a verdade!

Padre - **(Com um aperto no peito)** Sim! Está sob tortura na mira do Delegado!

Joana - Aquele assassino, covarde. Está na mira dele, mas não é ele quem puxa o gatilho Padre. Tenho um grande desejo pra lhe pedir.

Padre - Peça o que quiser!

Joana - Eu tenho medo de que o delegado, faça com Rivaldinho, todo o mau que me fez, e o acabe levando ao mesmo destino que o meu, já que o motivo dessa prisão é por minha causa. Ele não queria Padre, ele nunca quis...

Padre - O que ele nunca quis?

Joana - Ajudar. Estar junto das pessoas que precisavam de ajuda. Esse era o meu propósito, não o dele. Eu o arrastei pra isso e... agora, ele vai afundar comigo.

Padre - O que quer que eu faça?

Joana - Quero que ajude Rivaldo, a sair da prisão, e cruzar a fronteira. Que vá pra muito longe de Antares, e que ele leve Celina com ele. Eles não tinham nada aqui além de nós. **(Coloca a mão sobre a barriga)**

Padre - Nós? Ah Joana! Eu sinto muito Joana!

Joana - Eu também já senti muito Padre!

Padre - Ele sabia? **(Joana nega com a cabeça)** Eu vou fazer o possível pra que você, e esse anjo, caminhem para a luz eterna. E quanto a Celina...

Celina - Joana?

**Celina entra em cena e vê Joana morta-viva.**

Celina - O que fizeram com você minha irmã?

Joana - Aconteceram muitas coisas!

Celina - Que tipo de coisas? Primeiro você desapareceu, e agora o Rivaldo, e então eu fui alertada a não sair da igreja. E agora eu a vejo nessa situação.

Joana - Eu fui torturada e morta pelo Delegado Inocência Pigarço e seus lacaios.

Celina - Morta?

Joana - Sim! Morta.

Celina - Como?

Joana - Acharam que eu fosse uma líder de um bando de guerrilheiros.

Celina - E você ressuscitou?

Joana - Tecnicamente sim.



Celina - Eu não soube de nada da sua morte.

Joana - Você não sabia?

Celina - Eu não sabia minha irmã. E Rivaldinho também não deve saber.

Padre - Eu também não tive conhecimento, até o momento em que você atravessou pela porta.

Joana - Além de tudo, tentaram me enterrar como indigente. Nem minha própria família teve o único direito de se despedir.

Celina - Eu estou tão confusa.

Joana - Eu e mais seis pessoas voltamos a vida. E não sabemos as respostas para todas as perguntas. Só sei que vamos nos reunir no coreto da praça principal.

Cecilia - O que vão fazer?

Joana - É a nossa segunda chance, vamos colocar Antares na linha, e se livrar de uma vez por todas de todo o mal existente daqui de Antares.

Celina - Joana... Não! Se vingar não seria você!

Padre - É Joana! Deixe que os vivos sejam punidos, sem que sua alma seja corrompida.

Joana - Que descanso terá minha alma Padre?

Celina - Olhe pra você. Cheia de hematomas, como tiveram coragem de fazer isso com uma mulher grávida de 5 meses?

Joana - Eu não tenho as respostas que você precisa. Mas posso encontrá-las minha irmã.

**(Abraço)**

**Blackout, começa música animada. Momento de colocar a mesa do bar e o piano.**

## **CENA 9 - PUDIM COM CACHAÇA**

**Pudim entra pela porta da plateia, toda a atenção deve ser chamada para lá, para a troca de cenário. No palco, aparecerá Alambique.**

Pudim - Oi gente! Olha eu aqui! Boa noite, pessoal, boa noite. Se vocês me derem licença, eu to com uma vontade de tomar uma cachacinha. Umas bicadinha, só pra molhar mesmo o bico.

Alambique - Pudim?

Pudim - Alambique? **(Sobe ao palco, abraçam)** Alambique homem de Deus.

Alambique - Me disseram que tu eras um fantasma, mas pensei que era potoca.

Pudim - Aqui, aqui, aqui. Morto de verdade.

Alambique - Em carne e osso!

**Os dois** - E cachaça!

Alambique - Senta homem.

Pudim - Só com uma condição.

Alambique - Queres uma cachacinha, não é?

Pudim - Desse jeito não tem como negar o convite. É a mesma coisa que perguntar pra um coelho se ele quer uma cenoura.

**(Bebem)**

Alambique - Hm! Hm!

Pudim - Hm! Hm!

Alambique - Eita Pudim, você ta vazando!

Pudim - Mas como que me costuraram mal.

Alambique - Eu sei, eu sei. Eu vi. Depois que o doutor da polícia abriu teu bucho, eu fui lá nas autoridades competentes e pedi teu corpo.

Pudim - Pediu?

Alambique - Me deram sem nenhum papel.

Pudim - Nada?

Alambique - Nada!

Pudim - O homem não ta valendo mais nem um papel.

Alambique - Me disseram que eu não ia conseguir pegar teu corpo.

Pudim - ãh!

Alambique - Foi vapt, vupt.

Pudim - Olha só!

Alambique - É ué! Foi aí que eu fiz uma vaquinha com o pessoal pra poder comprar o caixão.

Pudim - Olha...

Alambique - Não era grande coisa né?

Pudim - Não, não! É bonito, é bonito.

Alambique - É, que diabo também, nunca foi um homem de luxo.

Pudim - Eu só tenho de agradecer, pelo meu amigo, meu companheiro de copo, de tu ter cuidado do velho amigo aqui ó.

Alambique - Precisa agradecer nada não homem.

Pudim - Tem sim, se não foste tu, os urubu tinham carregado a carcaça. Um brinde pra nós.

Alambique - Um brinde pra nós então, amizade até depois da morte. **(Alambique bebe)**

Pudim - Você sabe que vai ter que beber os dois né? Eu to todo costurado.

Alambique - É comigo mesmo!

Pudim - Mas me conta, um negócio. Onde é que está a Natalina?

Alambique - Ah! Na cadeia municipal ué.

Pudim - Na cadeia?

Alambique - Ai, é que tu não soubeste homem.

Pudim - Soubeste do que?

Alambique - É que ela, ela te deu veneno pra tu beber, foi assim que tu morreste. Desculpa te falar assim, mas é que ela não foi muito boa com você não Pudim!

Pudim - Ah! Foi por isso que eu não soube da cadeia.

Alambique - Eu teria te contado, mas sabe como é. Tu já tava morto, aí complicou o serviço de correio.

Pudim - Mas ela foi boa sim, foi a melhor esposa que eu já tive.

Alambique - Mas tu só teve uma homem.

Pudim - Por isso, era a melhor mulher do mundo. Eu que não era bom. Eu nunca fui bom pra Natalina.

Alambique - Depois que tu morreu, tu ficou foi deprimido!

Pudim - Escuta aqui! E se a gente, fosse fazer uma visita pra ela?

Alambique - Aonde?

Pudim - Na cadeia!

Alambique - Mas a gente vai entrar lá?

Pudim - Isso! A gente podia até fazer uma serenata.

Alambique - Isso! Bonito. Uma serenata.

Pudim - Isso, vamo lá, vamo lá!

Alambique - Canta essa. **(Canta)** Volta.

Pudim - Volta.

**Alambique e Pudim** - Vem viver outra vez a meu lado. Não consigo dormir sem teu braço. Pois meu corpo está acostumado. Mal-acostumado...

**Alambique e Pudim vão saindo de cena, e Erotildes aparece, fica os ouvindo cantar, eles param e cumprimentam a moça.**

Pudim - Oi!

Alambique - Tarde.

Erotildes - Tu por aqui?

Pudim - É eu... eu gosto daqui sabe. Eu vim ver um amigo, Alambique.

Alambique - Satisfação senhora! **(Música suave)**

Pudim - Estais bonita!

Erotildes - Ah! Você acha?

Pudim - Sim!

Erotildes - Uma amiga me emprestou uma roupinha melhor pra me apresentar em praça pública. Uh!

Pudim - Ah!

Erotildes - Lembra do encontro na praça?

Pudim - Mas é claro! O sol, é o meu relógio.

Erotildes - A é? Então tá na hora.

Pudim - **(Pensativo)** É!

**Pudim olha para a garrafa de bebida, olha pra Erotildes, entrega a garrafa pra Alambique. E dá as mãos com ela.**

Pudim - Me daria a honra, moça?

Erotildes - **(Sorri)**

**Eles vão saindo de cena, quando um forte som de piano começa a tocar. A Maestrina entra em cena observando o local, até chegar em seu piano. Senta-se e começa a tocar, olhando a foto do seu falecido companheiro.**

Maestrina - Sinto muito! A grande Maestrina e seu Maestro, irão se apresentar, pela última vez. Eu tentei adiantar o processo pra me encontrar com você e cá estou eu! Rebobinando minha morte. Porque deixastes, que foste tu e não eu?

**Começa a tocar e cantar uma música sobre dor (ainda a decidir).  
Chega Quitéria.**

Quitéria - Brilhante! Maravilhoso! Como uma mulher com tanto talento pode se matar?

Maestrina - O que eu fiz não foi propriamente um suicídio. E sim um castigo, por não ter feito o que deveria fazer.

Quitéria - Não entendi!

Maestrina - Simples! Não pude salvá-lo. Menandro, meu companheiro, meu esposo, meu maior maestro, ele morreu e eu não pude fazer absolutamente, nada.

Quitéria - Ah! O maestro. Mas não foi por culpa sua que ele morreu.

Maestrina - Como não? Tudo o que ele me ensinou, de que vale, se não pude continuar? Eu fui ingrata, cruel, insensível, foi assim que me senti por dias. Essas palavras resumem minha vida dona Quitéria. Quando eu era juvenzinha, eu participei de uma orquestra, e foi fim de carreira. Foi quando Menandro, me viu, me acolheu, mesmo eu sendo o meu próprio desastre. A plateia me odiava, eles olhavam pra mim assim.

Quitéria - Não!

Maestrina - Sim! Eu queria fama, sucesso, reconhecimento. Aquela noite terrível. Meu primeiro contato com o fracasso. Esperando as vaiaas que não vinham, pior, pior foi o silêncio caridoso da plateia. Foi culpa das minhas mãos, que falharam, e eu agora, as puni. Uma junção, de solidão com erros da juventude. Que Deus me perdoe, que Deus me perdoe. Mas eu queria isso, queria estar perto do meu Menandro, pois ele sabia que eu realmente me dedicava, me esforçava, ele via talento em mim.

Quitéria - Mas você tem talento!

Maestrina - Qual?

Quitéria - Você é uma excelente artista!

Maestrina - **(Gargalhada)** Artista, eu? Ora dona Quitéria, até os menos sábios da nossa querida Antares, sabem que não basta ser artista, para ser aceita na sociedade, você tem que ser mais, mais, mais. Menandro, me aceitava como eu era, na forma mais bruta. Nossa relação era de pura cumplicidade.

Quitéria - Eu sinto muito Olinda.

Maestrina - Pelo que?

Quitéria - Por você ter perdido o amor da sua vida! E por ter tido que lidar sozinha com isso. Sinto muito, sinto muito. E sua sanidade...

Maestrina - Eu estou completamente sã!

Quitéria - Não! Não está! E isso não é culpa sua. É culpa da sociedade que impôs isso a você desde pequena. Ouça-me! Quero ouvi-la novamente. Todos querem te ouvir. Se um dia você sentiu que havia perdido. Sentiu que nessa cidade, nunca prestaram atenção em você. Sentiu que todos sempre a consideraram uma lunática. Deus lhe deu uma segunda chance, para você reconhecer, seu próprio talento. É a sua reviravolta. É o que o seu Menandro gostaria de ver em você. É o momento, da sua apaixonata de Beethoven.

Maestrina - É o que o meu Menandro gostaria de ver em mim...

**Maestrina testa o piano. Após isso, levanta-se e grita para a plateia.**

Maestrina - Povo de Antares, ouvireis agora, Appassionata, de Ludwig van Beethoven, interpretada de além-túmulo pela virtuosa Maestrina Olinda de Oliveiros, em homenagem ao meu companheiro, Menandro Olinda.

**Enquanto ela toca, o pessoal tira a mesa de bar, e coloca a mesa de gabinete, com cadeiras em volta para o Prefeito, Coronel, Lanja, Padre, Delegado e outros. Após isso, Maestrina retira-se de cena, com a luz baixa, e inicia-se a nova cena. E vão poluindo cada vez mais o espaço.**

#### **CENA 11 - AUTORIDADES**

Prefeito - Eu quero lembrar que cada minuto é precioso, mesmo porque a imprensa está a caminho. E eles podem chegar a qualquer momento.

Coronel - Imprensa, que imprensa?

Prefeito - É que os jornalistas do canal 12, prometeram vir pra cá.

Lanja - Mas que maravilha! Nós estamos no mapa do mundo, estamos na história!

Coronel - Estamos é na merda. **(Tapa na mesa, cochicho)**  
Enquanto, não dermos um chá de sumiço nessa defuntada, corremos o risco de sofrermos uma chacota de toda a região. Quanto menos isso for divulgado, melhor!

Delegado - Eu duvido que esses jornalistas cheguem! Pois caiu uma árvore na ponte que dá acesso a Antares. Não passarão!

Prefeito - É apenas uma curiosidade! É que quando o nosso outro vigário viu os 7 mortos, disse para os seus fieis de que se tratava, do juízo final! O que lhe parece essa ideia?

Padre - Um absurdo! Eu não acredito no juízo final.

Madre - Padre!

Coronel - "Rediculo!" Daqui a pouco nosso querido padrecó de meia tigela! Vai dizer que não acredita em Jesus Cristo.

Madre - Coronel, isso é impossível!

Padre - Mas já que estamos falando nele, o que vocês acham que aconteceria a Jesus, se ele reaparecesse aqui, em Antares? Sem dúvidas, seria preso. O Delegado Pigarço o levaria para interrogatório, fazendo o entregar todos os seus discípulos e profetas. E se ele não falasse, ai, ai, ai, ai... Seria torturado e morto, em nome da comunidade cristã!

Delegado - Padre safado, comunista, filho de uma puta!  
**(Delegado parte pra cima do Padre, mas é impedido, bafafá)**

Padre - Prefeito! Eu vim até aqui, para colaborar. Mas pelo jeito era uma emboscada!

Prefeito - Não, padre, padre! O sr. não tem uma sugestão para resolvermos esse problema?

Padre - Porque o sr. não perguntou ao Delegado e ao Coronel Tibério? Com certeza, eles têm uma solução brilhante!

Coronel - Você acha que pode vir aqui e insultar a todos nós?

Padre - Se você recebeu isso como um insulto Coronel, eu fico feliz, pois sei que realmente estou do lado certo.

Madre - Não devemos esquentar os ânimos.

Delegado - Se me permitir eu já o levo agora mesmo.

Prefeito - Não!

Madre - Não há necessidade pra tudo isso!

Lanja - Se o Padre for preso, certamente o povo ficará contra nós Tibérinho.

Coronel - Nós não precisamos do povo, é o povo que precisa da gente.

Padre - É aí que você se engana Coronel. Quem manda em Antares, quem manda no país, é o povo. É o povo quem decide tudo.

**Começa a tocar o sino bem alto fora do auditório. E todos da mesa começam a ficar curiosos, podendo perguntar pra plateia de onde vem o som. Todos devem guiar a plateia, pra que ela se retire do auditório, e se organizem nas cadeiras do pátio.**

## **II ATO**

**Enquanto se retiram do auditório, podem fazer comentários no meio da plateia, em alto e bom tom.**

Lanja - Aquele não é o Sapateiro Barcelona?

Coronel - Anarquista dos Infernos! **(Barcelona faz banana)**  
Baderneiro dos infernos.

Delegado - Mas olhem a pinta da Doutora Cícera com a Dona Quitéria, até parecem que são amigas.

Coronel - "Redicolos." Adevogadazinha de bosta!

Lanja - Calma Tibérinho, olha a pressão!

Coronel - A pressão que se dane!

Lanja - Que horror, a Joana está toda machucada! Será que ela ficou assim depois de morta?

Delegado - Só pode ser!

Prefeito - Chegou a hora, da onça beber água!

## **CENA 12 - DEBATE**

**Todos se posicionam em seus devidos lugares, e dão início ao debate entre vivos e mortos.**

Lanja - O povo de Antares, veio apoiar o seu Prefeito!

Coronel - Fala! Fala!

Prefeito - Excelentíssima senhora Dona Quitéria Campolargo, senhora bacharel Cícera Branco, e demais defun... é... demais, é... pessoas, mortas. Como Prefeito de Antares, recebi a pouco mais de 4 horas, o requerimento verbal, de vossa Advogada, a bacharel Cícera Branco, no sentido de promover logo o vosso sepultamento, mas... os grevistas, continuam irredutíveis, no sentido de não permitir o vosso enterro. Assim, eu faço um



apelo, a excelentíssima dona Quitéria e seus companheiros, para que voltem para o lugar de onde vieram, sem delongas, e lá esperem, quietos, como mortos que se prezam. É desnecessário dizer, que a prefeitura vos oferece a todos, transporte gratuito, até o cemitério.

**Os grevistas que estão posicionados em um canto, fazem as vaias.**

Prefeito - Que filhos da mãe.

Cícera - Povo de Antares! Continuaremos aqui, exigindo das autoridades competentes, o nosso sagrado direito a um sepultamento digno. **(Aplausos dos grevistas)**. Pelas palavras do Prefeito e dos demais, nossa presença é indesejável nessa cidade. Pois bem, vossa má vontade para com os nossos corpos, nos deu toda a liberdade, de dizer o que realmente pensamos de vós.

Coronel - Não estamos interessados na sua opinião.

Coveiro - Cala a boca múmia.

Coronel - Múmia? É a po... **(Lanja coloca um biscoito na boca de Coronel)**

Cícera - Hipócritas, impostores, é isso que sois. Vista de meu ângulo, de defunta, a vida mais do que nunca me parece um baile de máscaras. Faça-se justiça ao Coronel Vacariano, que ostenta com naturalidade, o manto antipático que herdou dos seus ancestrais. Essa estirpe de bandidos, ladrões e contrabandistas históricos.

Coronel - Cale a boca cão rabugento.

Cícera - Controle-se Coronel, ou seu coração fará com que o senhor perca o melhor da festa. Eu acuso, o Coronel Vacariano, e o Prefeito Vivaldino Brasão, de enriquecimento ilícito as custas dos cofres públicos. **(Vaías)**

Coronel - Moribunda.

Prefeito - Cícera você enlouqueceu? **(Vaías)**

Cícera - Quando viva, também pertenci a quadrilha. Lesamos incontáveis inocentes em negócios de inventários de terras. Até protegemos assassinos e contrabandistas, quando isso nos convinha política ou economicamente.

Coronel - Mentira! Mentira!

Delegado - Ninguém pode fazer acusações tamanhas, sem provas.

Cícera - Querem provas, pois bem! Eu vos mostrarei as provas!

Coveiro - Isso é pra vocês aprenderem!

Coronel - Cale a boca, urubu!

Cícera - Sr. Coronel, já se considere terminada a temporada de caça aos urubus! Vamos então dar início a caça aos corruptos. Quando da última concorrência, para fornecer carros para a nossa prefeitura, 3 firmas participaram. A melhor proposta foi logo descartada, porque a empresa se recusou, a entrar no cambalacho que eu propus. Ficaram apenas 2, e foi aceita a firma que me deu, por baixo do poncho, a propina de 30% do valor do contrato. Havia um gravador escondido no meu escritório, quando se deu a última transação a que me referi. Caso duvidem, esse tal gravador, está aqui! **(Solta a gravação que condena o Coronel)**

Coveiro - Cícera Branco ta botando pra quebrar!

**Grevistas - Cícera Branco ta botando pra quebrar!**

Cícera - Senhoras e Senhores, eu gostaria de passar agora as mãos, do nosso excelentíssimo Delegado de Antares, dr. Inocêncio Pigarço, dois documentos muito importantes. Um deles, a fita que vocês acabaram de ouvir, e o outro, um papel com firma reconhecida, em que reafirmo não só as denúncias que acabo de formular, como menciono também outros atos criminosos praticados pelo Coronel Vacariano e pelo Prefeito Vivaldino Brasão. Aqui está senhores. **(Joga a pasta no meio do povo)**

**A pasta ficará caída e todos ficarão se olhando, sem reação.**

**Quando Alambique se levantará da plateia, bêbado e pegará a pasta para entregar ao delegado que não aceita. Então Alambique tropicando em seus passos, entrega a pasta ao Coronel, que a destrói.**

Cícera - Sinto muito meu povo, eu fiz o que pude. Quanto ao gesto do Coronel Vacariano, ele vem apenas confirmar tudo o que sabemos dele. É um velho arbitrário de espólio.

Coronel - Delegado! Chame seus soldados e acabe com isso. Esses lacaios do comunismo internacional.

Barcelona - Um instante por favor, um instante!

Coronel - Cale a boca seu comunista desgraçado.

Barcelona - Comunista no, anarquista! E não me confunda, com esses piolhos de Karl Marx. **(Grevistas gritam "É Barcelona")** No soy nenhum moralista, e no penso como os pilares da sociedade burguesa. Que localiza a moral entre as pernas das pessoas. Pra mim existe uma outra moral. A moral social, a responsabilidade do homem para com o homem. Olha, eu acho que qualquer um pode

fazer o que bem entende com su corpo, com su sexo, no? Mas a una coisa que no guento, son os falsos moralistas, os fariseus, quem tem uma moral sexual para uso externo, e outra, para uso particular, secreto.

Prefeito - Delegado Inocêncio, manda esse remendão calar a boca.

Barcelona - Que passa sênior prefeito, estas preocupado? Ou será que estas com medo? Que voy a contar, que além da paixão que o sênior tem por orquídeas, também gosta muito de certas florzinhas. As florzinhas que tem na prefeitura, as "secretarias", as "chefes de gabinete", as "auxiliares administrativas", assédio moral, e assédio sexuelle? Ainda mais o sr. um homem casado. Bonito non?

Prefeito - Uh! É uma mentira. É uma mentira. **(Vaías)**

Madre - Senhor, fulminar-me com um raio.

Barcelona - E por uma queston de justiça. No voy absorver ninguém. Voy dar o nome aos bois. **(Grevistas gritam "É Barcelona")** Um momento, momento, Dona Quitéria, me perdoe, mas ninguém aqui presente ignora no, que as suas duas filhas, a Cecilinha e a Lavinha, enganaron sus maridos, no? A Cecilinha com aquele caixeiro viajante, loiro, forte, bonito. E a Lavinha com o próprio Delegado, que é casado, e é do time dos Vacariano, e batia uma pelada literalmente na cama dos Campolargo. **(Cochicho)** Um momento, momento, eu não termino. Vem mais bomba por aqui, quero chamar, para dar su depoimento, a companheira Erotildes. Por favor. **(Aplauso dos Grevistas)**

Prefeito - Ninguém está interessado no que está decaída tem pra dizer?

Cícera - Decaída? Porque não diz logo prostituta, meretriz, vadia. Senhor Prefeito, queira ou não queira a vossa excelência, a vadia Erotildes, vai falar! Fale minha amiga!

Erotildes - Obrigada! Tinha 15 anos, quando meu pai se passou comigo, não houve nada, mas minha mãe muito ciumenta, me botou pra fora de casa. Então, eu vim pra cidade, como eu não sabia ler, nem escrever, eu não consegui nenhum emprego. Ai eu... Cai na vida. Fui pra cama com o primeiro homem que me ofereceu dinheiro. **(Silêncio)**

Cícera - E você se lembra, quem foi esse homem?

Erotildes - Naturalmente!

Cícera - Ele está aqui nessa praça? **(Erotildes confirma com a cabeça, que sim)** Poderia apontá-lo para nós?

Erotildes - Foi o... Coronel Vacariano!

Lanja - **(Começa a gritar)** Não! Mentiu pra mim todos esses anos. Não!

Erotildes - Fui amante dele por 5 anos, ele era um homem muito rico, já namorava a sua atual esposa. E eu tinha meus 15 anos.

Lanja - Sem vergonha! Traidor.

Erotildes - Ele até montou casa pra mim. Mas quando eu comecei a ficar velha, ele não me quis mais, me largou, e passou a correr atrás de outras moças.

Coronel - Eu não tenho que prestar contas da minha vida particular pra ninguém. E cale a boca Lanja, e para de fazer escândalo em público.

Lanja - Escândalo? Uma mulher que fez tudo por você! E você me trai a vida toda e eu que estou fazendo escândalo, seu cretino? **(Grita)** Amanhã... amanhã não, hoje. Hoje você não pisa mais em casa. Ou te mato, te mato, cretino.

**Lanja começa a dar tapas no Coronel, e é acalmada por outras pessoas.**

Cícera - Prossiga Erotildes.

Erotildes - Desculpe! **(Olhando pra Lanja)** Depois que o Coronel me largou, eu não tive outro remédio senão... sair pela rua, pescando qualquer um. Uma noite de agosto, eu estava sem nada... pra comer. Eu estava com fome... Rosinha também, ela tá aí de prova. Eu chegava a sentir dor, por fome. Aí eu saí, pra fazer a noite, encontrei um homem, que não tinha muito dinheiro, e me deu um pedaço de pão. Esse pedaço de pão custou caro, foi desse homem, que eu peguei tuberculose. Nessa mesma noite eu tomei uma chuva voltando pra casa, fiquei gripada, comecei a tossir, e a tosse ficou, achei que era por conta da chuva. Aí, a Rosinha me levou pro hospital e então...

Cícera - Então, ela morreu!

Erotildes - Eu morri.

Cícera - Mas poderia estar viva, se não fosse o desinteresse da nossa caridosa doutora Lanja Vacariano, que prometeu que iria mandar buscar o antibiótico na capital. Mas, pelo jeito, esqueceu! **(Vaias)**

Lanja - Eu sou uma boa mulher, católica, praticante, sempre fiz de tudo pela minha família, sempre fiz caridade nessa cidade. E vocês viram tudo o que eu passei hoje, a minha vida inteira. Agora vão ficar me julgando por conta de um erro.

Cícera - Obrigado Erotildes, pelas suas palavras.

Erotildes - Não se lastime. O que aconteceu comigo, foi inevitável, não a culpo. Mas não é inevitável você procurar melhorar sua vida. E sobre o que eu fiz, eu fiz disso daí, a minha vida inteira, e nunca tive prazer nenhum. O que eu acho bonito, é o amor que continua vivo mesmo depois que a gente fica velho, mesmo depois que a gente morre. O que eu queria é... que alguém alguma vez tivesse dito que me amava, e isso nunca escutei, nunca me chamaram de... minha namorada.

Rosinha - Ô Tilde! Obrigada por falar por nós.

Alambique - Opa! Um momento, que meu amigo pudim, meu companheiro, fale agora.

Cícera - Bom Pudim! Se tem algo a dizer, fale! Mas que seja breve.

Pudim - Eu não... não vou acusar ninguém. Eu só quero pedir... Povo de Antares, me ajude a absolver minha ex-mulher.

Alambique - Mas ela te matou Pudim.

Pudim - Eu sei! E eu não aprovo, mas viver assim, bêbados como eu e você, não é certo. Não vou culpar a Natalina, por ela ter dado um jeito de se livrar de um bebum, que só lhe atrasava a vida. Natalina, me perdoe! É o que eu tinha a dizer.

Coronel - Cícera, qual será o próximo número desse circo dos horrores?

Cícera - Coronel Tibério Vacariano, é um velho conhecido da comunidade, todos sabem que ele é o presidente de honra dos legionários da cruz, cujo lema, é Deus, Pátria, Família e Propriedade. Mas acima de Deus, acima da Pátria, acima da Família, como vocês mesmos presenciaram, o nosso Imperador de Antares, adora a propriedade.

Coronel - Diz alguma coisa, você me conhece. Fala Quitéria.

Cícera - A senhora gostaria de falar?

Quitéria - Eu vou falar. É com o coração apertado, embora ele já não bata mais. Que eu me vejo na obrigação de dizer umas palavras, hoje em dia, as pessoas prezam mais as coisas do que os seres humanos, descobri senhores, que os jovens não só desejam que os velhos morram, mas anseiam que isso aconteça o mais rápido possível. É uma pena que eu tenha percebido isso somente agora, que a pessoa que eu era, refletiu em meus filhos, arrogantes, miseráveis, mesquinhos e avaros. E isso é minha culpa, pois até mesmo depois da morte, eu fiz questão

de voltar em minha casa, para cuidar de bens materiais. A avareza e a soberba habitaram em mim. E é uma pena que eu só reconheça, agora. Então, meu amigo Tibério, o que aconteceu comigo serve também pra ti. Tu que sempre foste tão prepotente, tão dono da verdade mesmo nas horas mais delicadas, um dia tu vais descobrir, assim como eu descobri. Que todo o teu poder, não te garante nada. E somente a política fez com que nós nos encontrássemos, e a partir daí passamos a ter o que se chamam de uma Inimizade íntima, mas essa na verdade, foi a maneira que nossas famílias encontraram, a minha e a sua, pra preservar o poder sobre Antares. A custa, da manipulação dos dinheiros públicos, a custa das liberdades democráticas, e assim mantivemos o poder sobre Antares, até os dias de hoje. Em suas, e em minhas mãos. Pra que? Pra nada. Tibério, a partir de agora, eu não me considero mais uma das suas. Como tu dizes, de mim agora, não esperes arrimo.

Coronel - O que significa isso Quitéria? Enlouqueceu?

Quitéria - Para vocês homens é muito fácil colocar uma mulher na posição de louca, não é mesmo?

Coronel - Nós temos um pacto Quitéria.

Quitéria - Que acabou quando eu estava viva. Eu não sei onde eu estava com a cabeça, para aceitar o pertencimento, um acordo familiar, eu jamais deveria ter concordado que a minha família fosse aliada de um bando de racistas.

Coronel - Cale a boca.

Quitéria - Cale a boca você! Sua família nunca gostou da minha Tibério, acha que eu não sei que sua família só concordou com esse acordo para que não houvesse mais mortes? Nosso poder de fogo sempre foi maior que o de vocês. Vocês nunca aceitaram que uma pessoa com a minha cor, pudesse pertencer ao poder. E eu me deixei levar. Eu deveria ter acabado com toda a sua laia.

**Os grevistas começam a gritar "Quita, Quita, Quita".**

Coronel - Dona Quita, pra vocês.

Quitéria - Deixe a moçada em paz Tibério. **(Tibério Faz expressões feias para Quitéria)**

Cícera - Senhores, um momento. Eu gostaria que todos fizessem silêncio, para chamarmos agora a nossa testemunha mais importante. A companheira, Joana Paz. **(Delegado estremece)**

Coronel - Mas uma pra ficar falando merda.

Cícera - Podem ver agora, em plena luz meridiana, o tratamento que o delegado Pigarço e seus carrascos, deram ao corpo desta mulher. Joana Paz foi presa sob a falsa acusação de estar treinando secretamente um bando de guerrilheiros, e ela foi levada para o famoso porão da nossa delegacia onde se acontece, os interrogatórios.

Delegado - Mentira! O que vocês querem de mim?

Barcelona - Todo mundo sabe que você tem carta branca pra fazer o que quiser, com quem quiser. E que dessa vez deu carta branca ao seu carrasco.

Joana - Que por sua vez, dava carta branca aos seus instintos sádicos, ao ver me ver sofrendo, enquanto estava sendo torturada, eles sorriam, sorriam sobre meu corpo enquanto eu chorava de desespero. Nossa boa doutora Lanja Vacariano, tentou de tudo, respiração artificial, injeção de adrenalina, e massagens cardíacas. Inútil, Joana Paz, eu, já estava morta. Mas o delegado presente, propôs a transportar urgentemente as escondidas, o meu corpo para o hospital, e lá simular a morte natural. Menos de duas horas depois, o "cadáver" por assim dizer, já estava fechado dentro do caixão. E a nossa Hipócrates, assinou o atestado de óbito, dando como causa a morte, embolia pulmonar.

**Vaias dos grevistas.**

Lanja - Me perdoe, me colocaram nessa situação assim como você!

Joana - Iriam me enterrar como indigente, eu morri como uma ninguém. Mas Deus é justo, e fará com que todos vocês paguem por isso.

**Vaias dos grevistas, e gritos como "Assassinos, Assassinos".  
Coronel Tibério cai no chão passando mal, e nesse instante os  
vivos começam a socorrê-lo, exceto Lanja, que é a médica.**

Coronel - Não me levem para o hospital. Me levem para casa.

**Coronel fazia esse pedido, antes de começar a ser carregado  
pelos amigos.**

Coveiro - Aproveito o momento, para dizer que eu e meus amigos, temos uma proposta a fazer para vocês. **(Aponta aos mortos)** Quem aqui aceita a proposta de suspender a greve ao cemitério?

**(Todos começam a levantar as mãos, inclusive instigar que a plateia levante as mãos)** Muito bem, muito bem! A proposta é aprovada por maioria absoluta. E eu gostaria de deixar claro o seguinte. Essa decisão, não suspende de modo nenhum o nosso estado de greve, é apenas uma exceção, pra que essas pessoas,

tenham o direito, de serem sepultadas. E pra que a comunidade não venha responsabilizar a nós, pela epidemia de doenças, que possa se alastrar pela cidade. A nossa greve continua até a vitória final. **(Comemoração)**

Padre - Aceitem! Pra que tudo isso acabe, e que a gente aprenda com isso.

Cícera - Como posso observar, somos mais que indesejáveis na cidade. Até mesmo pelo os que lutamos. Infelizmente não acredito que conseguiremos fazer alguma mudança.

Quitéria - E eu que acreditava em milagres! Agora que vejo que não era a hora, porque aqui estamos, sem sepultura e sem o juízo final.

Barcelona - Bom, e o que você decide?

Cícera - Proponho que aceitemos, e voltemos imediatamente aos nossos caixões.

Joana - Por mim, tanto faz!

Erotildes - Eu bem que gostaria de ficar mais um pouquinho aqui.

Cícera - Pense que foi apenas um sonho Erotildes, assim pelo menos você não perde a parte boa da lembrança.

Barcelona - Eu por mim, continuaria a guerra, com esses servos da burguesia internacional.

Cícera - Só para contrariar?

Barcelona - É!

Cícera - Bom! Quem estiver a favor dessa proposta, por favor, levante a mão. **(Barcelona não levanta as mãos)** Bom, pelo visto, você perdeu Barcelona, aceita a derrota?

Barcelona - Aceito! **(Cícera retira um lenço branco do bolso)**

Cícera - Senhores! Comunico, que voltaremos imediatamente para nossos lugares. **(Comemoração geral)**

Prefeito - Olha, doutora Cícera, devo insistir, os senhores não querem mesmo uma condução, de volta para o cemitério?

Quitéria - Não! Vamos caminhando. **(Os mortos começam a andar, sobem a escadaria e se posicionam nos corredores)**

Cícera - Companheiros, a nossa aventura terminou! Vocês foram os melhores clientes que eu já tive! Agora, queiram tomar os seus lugares, e tenham todos, uma boa viagem!



Erotildes - Foi lindo lá na praça! Com todo aquele povo olhando pra gente, bem como num circo, nunca mais vou esquecer.

Pudim - Foi muito lindo mesmo, estar com você nessas últimas horas, deixa meu coração, por mais que ele não bata mais, deixa meu coraçãoquentinho. Tchau, Erotildes. Até um próximo baile, minha namorada. **(Encostam sua testa uma na outra, como se estivessem trocando carícias e vão saindo)**

Cícera - Acredite dona Quitéria, valeu a pena reviver, para compartilhar sua companhia. **(Vai saindo)**

Maestrina - Ó Antares, cidade sem amor, o que te faltava era música, deixo aos meus conterrâneos que nunca me compreenderam, esta última mensagem, das mais maravilhosas línguas do universo. **(Começa a cantarolar e vai saindo)**

Quitéria - Sem ressentimentos?

Barcelona - Claro! Limpei meu peito de tudo o que estava entalado! Disse o que quis pra essa burguesia. Morro feliz. **(Aponta para o Coronel)** Um dia a gente se encontra, no inferno. **(Faz banana com os braços e vai saindo)**

Coronel - Já vai tarde!

Quitéria - Escuta Tibério, você deveria ouvir os mortos que aqui vos fala, tu te achas invencível e imortal, mas lembra-te do que eu te disse, o nosso tempo, já passou. **(Quitéria vai saindo)**

Joana - Vocês podem ter tudo o que for de bens materiais. Mesmo assim, vocês nunca terão nada na vida. Porque vocês não possuem a paz. A paz, de poder partir, tranquilamente. **(Vai saindo)**

Coronel - Povo de Antares! Agora que a Defuntada já se foi, vamos acertar a nossa vida. Muita gente aqui pensou, que o estado de anarquia tinha se instalado, e que eu iria morrer, sem me vingar das calúnias, mas isso já passou, porque eu sou o Coronel Vacariano! E nesta cara, ninguém bate sem levar o troco, Delegado, mande alguns guardas acompanharem essa defuntada até o cemitério, e que fiquem de olho. Vamos acabar com essa greve.

Prefeito - Coronel, Coronel, mas isso é um abuso da autoridade. O sr. está abusando, quem manda aqui sou eu, sou eu que sou o prefeito de Antares.

Coronel - Ex-prefeito! Ex-prefeito!

**Todos começam a arrancar a placa das greves.**

Coronel - A greve acabou, agora todo mundo de volta ao trabalho.

Coveiro - Não! **(Caminha até a escada)**

Rosinha - Não!

Padre - Não!

Prefeito - Não!

Lanja - Não!

Alambique - Não!

**Todos começam a falar não! Nesse instante os grevistas posicionam-se nas escadas, o Prefeito também vai junto, Lanja vai junto, Padre também, Rosinha e Alambique também. Nesse instante, todos começam a cruzar seus braços sobre o peito, em forma de protesto. O Coronel chega a pegar e apontar sua arma, mas o próprio delegado o impede. Enquanto cantam vão se aproximando do Coronel, até que ele esteja no chão. Os grevistas começam a cantar (música a decidir).**

**FIM**